

AFRODITE SOB UMA PERSPECTIVA SEMIÓTICA

Sandra Regina da Costa¹

RESUMO: A escolha da abordagem semiótica do mito justifica-se pelo fato de que, em nossa pesquisa, encontramos na mitologia narrações que se referem a valores para vida humana em sociedade. O discurso mitológico aponta os recortes culturais ainda presentes nos discursos da sociedade atual. O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise discursiva - com base na teoria Semiótica de Greimas - do mito de Afrodite, relacionando-o ao discurso feminino e ao imaginário coletivo. O mito se caracteriza como discurso etno-literário, pois contém saberes compartilhados e sistema de valores de uma cultura. Pode-se dizer que o mito é uma primeira tentativa de explicar a realidade. Foram selecionados, portanto, o conto *do mito de Eros e Psique* e o *Mito de Afrodite* para constituírem o *corpus* de nossa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Linguagens; Mito; Afrodite

ABSTRACT: *The choice of the myth Semiotic approach is justified by the fact that in our research, we found in the mythology stories that refer to the values for human life in society. The speech pointed to the mythological cultural discourses still present in society today. This work aims to make a discursive analysis based Greimas' semiotics theory - the myth of Aphrodite, linking it to the female discourse and the collective imagination. The myth is characterized as ethno-literary discourse, it contains knowledge and shared value culture's system. It can be said that the myth is a first attempt to explain the reality. It were selected so the Eros's stories and Psyche Aphrodite's myth and to constitute the corpus of research.*

KEYWORDS: *Semiotics; Language; Myth*

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer a influência dos mitos, refletir sobre o significado oculto existente neles e como seus ensinamentos podem ser aplicados por qualquer pessoa em sua vida e em seu cotidiano. Neste trabalho analisou-se o conto do mito de Afrodite segundo a versão de *Hesíodo*, o perfil psicológico de Afrodite; as características humanas como expressão da emoção e, também, os sistemas de valores do universo de discurso feminino. Estes são aspectos bastante relevantes à concepção de identidade feminina, inserida nos valores socioculturais. Podemos dizer que identidade é um conjunto de crença, num determinado tempo

¹ Programa de Mestrado em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação pela Universidade Braz Cubas.

e espaço, ser mulher, bela, sensual, enfim obedecer aos padrões impostos pela sociedade em que está inserida.

Em uma relação de Alteridade, o *Eu* frente a um *Outro* é que se pode construir a identidade pessoal.

A análise Semiótica do conto de Afrodite pretende revelar papéis e valores que a sociedade atribui a mulher, ou mesmo as escolhas que as próprias mulheres fazem para sustentar sua própria identidade.

Analisaremos sobretudo os percursos narrativos do sujeito, à luz da Semiótica greimasiana e a contribuição de Pais. Faremos também a análise da estrutura profunda onde se encontram as axiologias enquanto sistemas de valores sustentados por um universo discursivo.

Fundamentação teórica

Esta pesquisa fundamenta-se na Semiótica francesa de Greimas. Para o desenvolvimento desta pesquisa, a metodologia selecionada foi a análise semiótica.

Para falar sobre os mitos e o conto de Afrodite trabalharemos com vários autores, dentre eles, Campbell (1990), Salis (2003), Passerine (1998) e Bolen (1990).

Mito

De acordo com Campbell (1990 p. 5), “Mitos são histórias de nossa busca da verdade, do sentido, de significações, através dos tempos.”

A filosofia procura, através de discussões, reflexões e argumentos, saber e explicar a realidade com razão e lógica enquanto que o mito não explica racionalmente a realidade, procura interpretá-la a partir de lendas e de histórias sagradas. Mito é o relato de uma história de valores culturais ocorrida nos tempos, é portanto, a narrativa de uma criação.

Segundo Elíade (2000, p. 19): “*Com efeito, conhecer a origem de um objeto, de um animal ou planta, equivale a adquirir sobre eles um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-los, multiplicá-los ou reproduzi-los à vontade*”.

Para Campbell (1990), um mito é uma narrativa tradicional com caráter explicativo ou

simbólico, profundamente relacionado com uma dada cultura ou religião. Procura explicar os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, as origens do Mundo e do Homem por meio de deuses, semideuses e heróis. Pode-se dizer que o mito é uma primeira tentativa de explicar a realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada através de perspectivas múltiplas e complementares.

Segundo Passerine (2004, p. 78):

A diferença essencial entre *Mito* e *lenda* reside em sua natureza. A lenda faz história de eventos históricos ou do surgimento de certos fenômenos, localizando-os no tempo e espaço; o mito procura explicar a criação do mundo e do homem, a morte etc, relacionando-os com a intervenção dos deuses, gerando assim realidades, costumes, instituições, técnicas e oferecendo o fundamento de toda vida social com o caráter religioso. A lenda não possui o caráter de revelação sagrada que encontramos no mito. Ele, de certo modo, fixa modelos exemplares de todas as funções e atividades humanas.

O mito, portanto é, uma primeira atribuição de sentido ao mundo, sobre a qual a afetividade e a imaginação exercem grande papel, e cuja função principal não é explicar a realidade, mas acomodar o homem a determinadas situações.

Todas as culturas têm seus mitos, alguns dos quais são expressões particulares de arquétipos comuns a toda a humanidade. Por exemplo, os mitos sobre a criação do mundo repetem alguns temas; “... a função cosmológica, de que a ciência se ocupa mostrando qual é a forma do universo, mas faz de tal maneira que o mistério continua a se manifestar” (ALVAREZ, 2007).

O que é semiótica?

A Semiótica² é uma ciência que estuda todo tipo de linguagem, tanto as verbais quanto as visuais. Segundo Bertrand, (2003, p. 11) “*O objeto da semiótica é o sentido*”. A Semiótica tem como objetivo explicitar as estruturas significantes que modelam o discurso social e individual, captado pelo resultado da função semiótica da linguagem, ou seja, a reunião dos planos da expressão e do conteúdo. Trata-se de uma ciência maior, que procura explicitar as condições de

² A palavra Semiótica (do grego *semeiotiké* ou "a arte dos sinais").

produção e apreensão do sentido, esta ciência tem por objeto *qualquer sistema sógnico*, visual, plástica, teatro, música, fotografia, cinema, culinária, vestuário, gestos, religião etc.

Considera-se a capacidade de linguagem do ser humano: o homem comunica-se por meio de sistemas de signos e processos discursivos, tais sistemas e signos estão disponíveis para atualização.

Semióticas – objeto linguagens -verbais / não verbais e sincréticas.

Semiose atualização processo que permite trazer um signo dos bancos da memória para uma nova situação-discurso manifestado em uma semiótica ato de recriar. A semiose é, portanto, constituída por dois planos indissociáveis, o da expressão e o do conteúdo. Cada um deles pode ser analisado em termos de uma substância e uma forma.

Semiose \Rightarrow *atualização* \Rightarrow processo que permite trazer um signo dos bancos da memória para uma nova situação-discurso manifestado em uma semiótica \Rightarrow ato de recriar.

A Semiótica pretende fazer uma análise formal do texto³, ou seja, estudar o conjunto de relações que produz o significado, tem o texto como objetivo de estudo, procura explicar os sentidos, o que o texto diz, e, sobretudo, explicar os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos, isso significa que ela se organiza como um cálculo, atendendo aos princípios da arbitrariedade e da adequação.

Para Bertrand (2003), o leitor não recebe passivamente uma significação textual já existente: ele é também e sobretudo o centro do discurso, que constrói, interpreta, avalia, aprecia, compartilha ou rejeita as significações.

Percurso gerativo da enunciação

O discurso é visto pela semiótica como uma superposição de níveis de significação, chamada de percurso gerativo do sentido.

2 Objeto lingüístico visto em sus condição de organicidade e com base em seus princípios gerais de produção e funcionamento em nível superior à frase e não preso ao sistema da língua; é ao mesmo tempo um processo e um produto, exorbita o âmbito da sintaxe e do léxico, realiza-se na interface com todos os aspectos do funcionamento da língua, dá se sempre situado e envolve produtores, receptores e condições de produção e recepção específicas. – Conforme (lamarcachi@uol.com.br)

O percurso gerativo distingue, as estruturas profundas (os valores inscritos no quadrado semiótico) e semionarrativas (com os dispositivos modais, a sintaxe actancial e o esquema narrativo) das estruturas discursivas que as discursivizam, por intermédio da enunciação (aparecem, então, as tematizações que investem ou não em isotopias figurativas, produzindo as figuras do espaço, do tempo dos atores, imagens do mundo) (BERTRAND, 2003, p. 49)

Portanto é no nível discursivo, mais complexo e concreto, que os níveis fundamental e narrativo são tematizados ou figurativizados.

A escolha dos percursos temáticos ou figurativos, que caracterizam a semântica discursiva, é responsabilidade do sujeito da enunciação. Ele cria efeitos de realidade que garantem, ao mesmo tempo, a coerência textual e a eficácia de seu discurso no processo de manipulação do co-enunciador.

Estrutura discursiva

A estrutura discursiva está identificada ao nível mais superficial. Pode-se dizer, entretanto, que esta estrutura está no limiar da relação de significação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão. Deve ser examinada do ponto de vista das relações que se instauram entre a instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso; produção e sustentação de ideologia (sistemas de valores), com suas cargas individuais e sociais, e o texto- enunciado. É nele que as formas narrativas, abstratas, ganham concretude, sendo revestidas de atores inseridos num espaço e num tempo determinados.

As figuras são elementos concretos que representam ações, coisas e qualidades encontradas no mundo natural, perceptíveis pelo sentido. Já a tematização está na superficialidade, nela formulam-se valores de modo abstrato e organiza-os em percurso, constituído pela recorrência de traços semânticos ou semas abstratos ou conceituais.

Estrutura narrativa

Nas estruturas narrativas estão inerente a toda discursivização da linguagem, resistem a todos os obstáculos que se opõem ao seu desenvolvimento. O nível narrativo é o intermediário e é nele que se operam transformações entre dois estados diferentes. Essa organização é dada sobre

os sememas e é chamada por Greimas de modelo actancial, é a etapa elementar, da busca do percurso gerativo de sentido.

Processo Discursivo

Superfície discurso manifestado em um texto

Estrutura discursiva temas e figuras
Estrutura narrativa ação
Semântica profunda valores = ideologia

Quadro 1. Processo discursivo

Podemos, então, considerar que o percurso gerativo, subjacente ao conjunto dessas operações, mostra, em seu esquema de conjunto, os materiais que a enunciação mobiliza para se realizar e que ele constitui, por isso mesmo, um modelo enunciativo.(BERTRAND, 2003, p. 48)

O quadrado semiótico

Greimas introduziu o conceito de quadrado semiótico e as categorias de Aristóteles, das quais se originou. É um modelo lógico de relações, é o ponto de partida do processo gerativo. Este consiste na trajetória de produção do objeto semiótico, das estruturas profundas às estruturas de superfície. Neste percurso distinguem-se três níveis; o nível das estruturas discursivas, o nível de superfície das estruturas narrativas e o nível profundo.

Para Fontanille:

O quadrado semiótico apresenta-se como a reunião de dois tipos de oposições binárias em um só sistema que administra, ao mesmo tempo, a presença simultânea de traços contrários e a presença e ausência de cada um desses dois traços. Tendo a “ausência”, como um valor genérico, pode se dizer que o quadrado semiótico concerne tanto à organização interna da categoria quanto à delimitação de suas fronteiras. (FONTANILLE, 2007,62)

O quadrado semiótico, por sua vez, é uma representação visual das relações que os traços distintivos constituem uma mesma categoria semântica. Assim, para essa estrutura, uma mudança de estado realiza-se pela negação do estado atual.

No quadrado semiótico situam o Herói, seu Ajudante, seu Adversário e a Sociedade em torno do objetivo a ser alcançado. O quadrado semiótico situa-se na semântica fundamental, ponto de partida do processo gerativo.

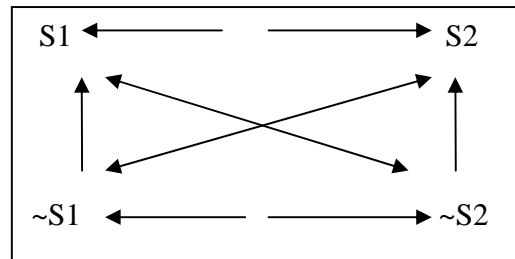


Figura 1. Quadrado semiótico

Narratividade

Inúmeras são as narrativas do mundo, a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos. (BARTHES, 1976, p.19).

O termo *narrativa* é utilizado por Greimas para designar o discurso narrativo de caráter figurativo (que comporta personagens que realizam ações). Todo texto é uma narrativa sobre um sujeito em busca de um objeto de valor, pois o sujeito só existe se tiver um objeto de valor. Já a narratividade é uma dada propriedade que caracteriza certos tipos de discursos e é considerada como o princípio organizador de qualquer discurso. Há uma organização (sintática e semântica), transformação de estados previstos.

A peça chave da gramática narrativa é o actante. A partir do modelo proppiano, Greimas apud Bertrand (2003, p 288), reconhece, inicialmente, três pares de actantes, considerados como peças-chave da semiótica.

1-Sujeito – Objeto

2-Destinador – Destinatário

3-Adjuvante - Oponente

Actante é uma unidade sintática da narrativa que se define como termo resultante da relação transitiva, sendo ela uma relação de junção ou de transformação.

O sujeito (que pode se fundir com o Destinatário) tem por missão conquistar esse Objeto, “entrar em junção” com ele: é a categoria de busca, Nesse fazer, o sujeito é contrariado pelo Oponente e apoiado pelo actante Adjuvante: é a categoria polêmico contratual.

Destinador \Rightarrow Destinatário



Sujeito-----Objeto de valor

O destinador manipula o destinatário para cumprir o contrato e tornar-se sujeito.

Adjuvante (ad) ajuda

Oponente (op) atrapalha-impede

A narrativa mínima se baseia assim na transformação de um “estado de coisas”, pela privação ou pela aquisição, que resultam de um predicado de ação. Junção quando o sujeito possui o objeto, e disjunção quando o sujeito é privado do objeto.

O sujeito já instaurado, por meio de um contrato, busca o seu objeto de valor que por meio da sanção que pode ser negativa ‘reprovação’ ou positiva. O destinador-manipulador pode ser tanto o que manda quanto o que promete os valores, tendo por base a competência e a performance dos sujeitos e o seu desafio de fazer-ser, resultando na aquisição ou a perda dos valores.

A narrativa de um texto é a história de um sujeito à busca de valores.

Relação *transitiva* \Rightarrow relação transitiva de *junção*

Entre dois actantes relação transitiva de *transformação*

Relação transitiva \Rightarrow conjunção = \cap

de junção disjunção = \cup

Os percursos narrativos

De acordo com Salis (2003, p. 41,42,44, 45), Afrodite representa arte de amar por excelência, mas trata-se de uma arte voltada ao cultivo do amor genuíno e desinteressado. Não defende o amor único, e muito menos confunde fidelidade com exclusividade. Não considera ilegítimo ou prostituinte amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo ou ao longo da vida, desde que com sentimentos verdadeiros. Mas também condenava severamente a falta de recato, seja no homem ou na mulher; que era o apaixonar-se e o entregar-se de modo desvairado, praticando uma sexualidade sem limites. Isso era considerado a autodestruição da dignidade e da honra. A arte de amar era vista como o elixir da vida e não se restringia ao sexo, mas significava amar o mundo, as pessoas, enfim, tudo o que é vivo.

Afrodite chamada de Vênus pelos romanos, significa, para alguns, “nascida da espuma do mar” e, para outros, “a essência de Zeus”. O esperma de Urano, atirado com seus genitais ao mar quando foi castrado por seu filho Cronos, originou Afrodite. A força fecundante, em contato com a branca espuma do mar, produziu a paixão incomensurável, que não pertence a ninguém. Na antiga tradição grega, Afrodite, com seus inúmeros amores, é eternamente virgem, não é de ninguém, mas de todos, e absolutamente fiel a sua natureza e essência, que é espargir o amor e a paixão por toda a face da Terra. Suas aves amadas eram a pomba e o pardal, seus mensageiros, e sua flor predileta era a rosa vermelha, pois esta simbolizava a paixão ardente.

As Horas⁴ dela cuidaram vestindo-a e ornando-a magnificamente, além de impedirem que o tempo passasse para ela, mantendo para sempre sua beleza, sua juventude e seu frescor.

Para Salis (2003), só mesmo uma deusa poderia ter essa dádiva da imortalidade. Os deuses da mitologia são imortais e têm sentimentos humanos, enquanto nós seres humanos somos pobres mortais.

Afrodite, a deusa do amor, de repente fora tomada por um dos mais víis sentimentos humanos; ciúme, vaidade, inveja e ódio. Desta forma teme perder seu Ov. *Afrodite* temia não ser a única a possuir a beleza, a vaidade tomara conta de seu coração, sentiu-se ameaçada por *Psique*, tão bela que alguns diziam ser a própria Afrodite. Essa afronta chegou ao conhecimento de Afrodite que tomada pelo ódio armou um plano de vingança com ajuda de seu filho.

⁴ As primeiras à vestir Afrodite quando nasceu, são também Deusas das estações.

Afrodite ordenou que seu filho ferisse mortalmente Psique com uma de suas setas, desejando que ela fosse destinada ao ser mais monstruoso que pudesse existir, e que sua infelicidade excedesse à mulher mais desgraçada do mundo.

Eros, sempre obediente partiu para cumprir sua missão.

Ao cair da noite o jovem entrou no quarto onde a jovem Psique dormia e apontou para ela um de seus dardos mais afiados, depois de embebê-lo no filtro do amor, a jovem involuntariamente esbarra com a mão no braço de Eros, que acabou ferindo-se levemente com sua própria seta. Afrodite conseguiu com que parte de seus objetivos fossem alcançados. Nenhum pretendente se apresentou para desposar a mais bela das filhas do rei.

Eros passa a viver com Psique, mas sem que ela saiba quem ele é. Entretanto, movida pela curiosidade e conselhos das irmãs, ela o desobedece, espiando-o enquanto dorme. Ao descobrir, Eros sai para não mais voltar.

Psique, desesperada de amor, vai ao encontro de Afrodite e submete-se a seus desejos. Esta, por sua vez, aproveita para se vingar.

É nesta hora então que ocorre a instauração do sujeito Afrodite pelo destinador manipulador, Psique, no dever-saber-ser no percurso da provocação. Seu objeto é modal de valor cognitivo, beleza. Afrodite deseja ser a mais bela das deusas. Com esse programa de fracasso ela está em *disjunção* do seu Ov ser a única a possuir a *beleza*.

Enunciado de Estado

Inicial

S (Afrodite \cap Ov (ser única a possuir a beleza, sensualidade e sexualidade)

S1 U ciúme, ódio, vaidade, inveja.

Temos então inicialmente o enunciado de estado, em que o sujeito (Afrodite), está em conjunção com o seu objeto de valor (beleza, sensualidade e sexualidade).

Final.

S (Afrodite \cup Ov (ser a mais bela, sensual e *sexy*)

S1 \cap única a possuir beleza

Há a presença do enunciado de transformação, em que o sujeito (Psique), procura transformar a relação de *conjunção* do sujeito (Afrodite) com o objeto de valor (beleza,

sensualidade e sexualidade) em relação de *disjunção*.

Observe o programa narrativo abaixo:

Programa Narrativo do Conto Miss Algrave

PN de base = F (fazer) [S1 → (S2 U Ov) → (S2 ∩ Ov)] PN= [F(Psique) → (S2 (Afrodite ∩ Ov) beleza, sexualidade e sensualidade)] S1 = (Psique)

S2 = Afrodite O v = ser a mais bela, sensual e *sexy* Temos então, o programa narrativo de Afrodite inicialmente em *conjunção* com seu objeto de valor; (única a possuir a beleza, sensualidade e sexualidade), sendo *transformada* por seu Destinator manipulador, Psique – instaurando-lhe competência modal do dever- querer-ser.

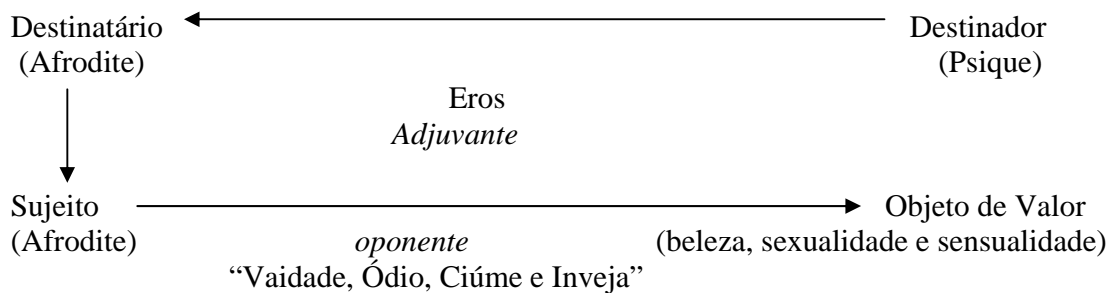


Figura 2: Aspectos das estruturas narrativas nas relações entre Destinator e Destinatário-Sujeito

A narrativa começa com Afrodite em posse do Ov *beleza e amor puro*, se desestabilizando a partir do aparecimento de Psique. A relação que inicialmente era transitiva de *conjunção* passa a ser transitiva de *transformação*. A ação do destinator modifica o sujeito, pela alteração de suas determinações semânticas e modais.

No percurso da ação, o sujeito conta com adjuvante, Eros, e seu oponente, Psique.



Figura 3: Programa Narrativo de Afrodite

Observe o octógono t.d.

Percurso da Insegurança

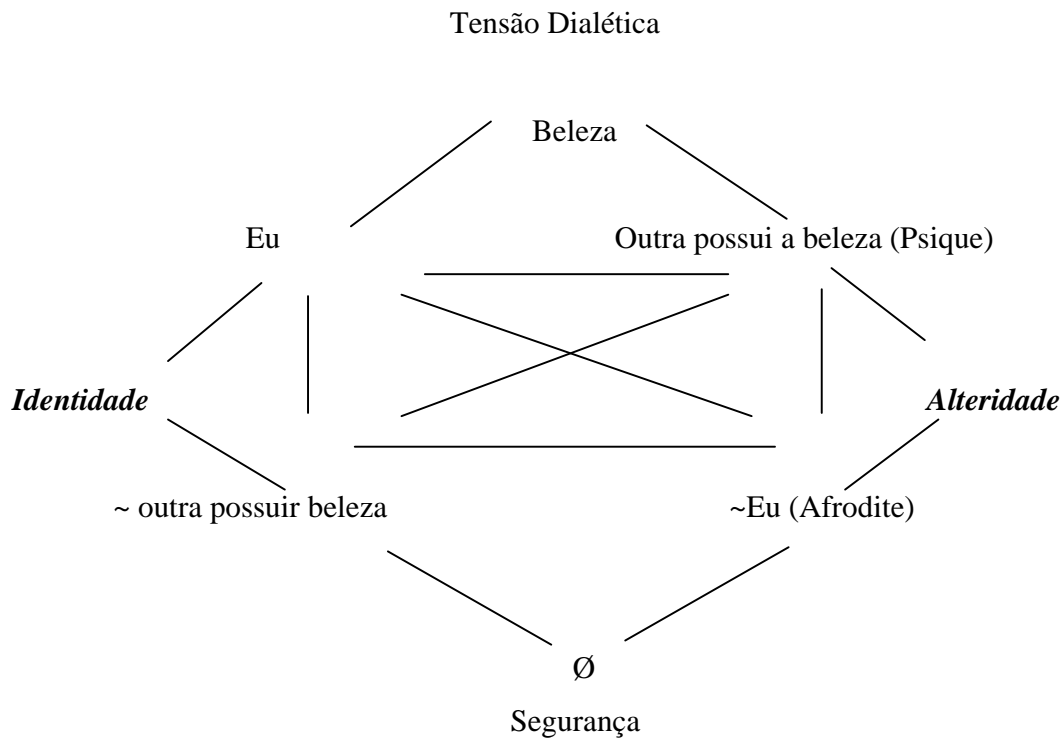


Figura4: Octógono – Identidade x Alteridade

Este octógono, segundo o modelo de Pais e Barbosa (2003), expõe a tensão dialética, o desejo de ser a mais bela e a insegurança por não ser única a possuir a beleza.

Considerações Finais

Por meio deste trabalho percebemos que todas as culturas têm seus mitos, que o mito não explica racionalmente a realidade, procura interpretá-la a partir de lendas e de histórias sagradas.

Observamos também que, na análise narrativa e discursiva do mito de Afrodite, constataram-se o percurso narrativo de fracasso, pois Afrodite não conseguiu vencer sua rival (inconsciente),

Psique, pois a mesma recebeu das mãos do próprio Júpiter, marido de Afrodite, uma taça contendo o néctar da imortalidade e a partir de então deixou de ser pobre mortal e passou a ser uma deusa também. Consideramos ainda hoje os valores subjacentes presentes nos discursos da sociedade atual.

Referências Bibliográficas

- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, Sp: Edusc, 2003.
- BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- CAMPBELL, Joseph, com Bill Moyers. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- ELÍADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. **As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana**. 9. ed. Porto Alegre: L&pm, 2007.
- FONTANILLE, Jaques: tradução de Jean Cristtus Portela. **Semiótica do Discurso**. São Paulo, Contexto, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PAIS, Cidmar Teodoro e Barbosa, Maria Aparecida. **Tradição oral, literatura popular e discursos etno-literários: aspectos semióticos e lexicais da construção do imaginário coletivo**. Revista brasileira de lingüística. São Paulo, v.12, p.257-272, 2003b.
- PASSERINI, Sueli Pecci. **O fio de Ariadne: um caminho para a narração de histórias**. São Paulo: Antroposófica, 1998.
- SALIS, Viktor D. **Mitologia viva: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar**. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.